

COMPRA



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 4:000 exemplares

Segunda-feira, 29 de Junho de 1908

OS NOSSOS

Brindes semanaes

Aos assignantes e annunciantes

2.500\$000

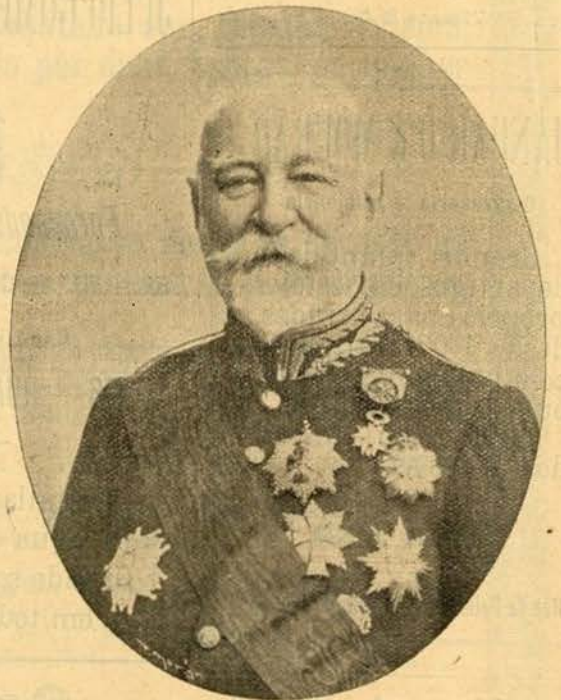
ou

1.200\$000

por um vintem!

Os numeros de cada loteria são divi-
dos pelo total dos ANNUNCIANTES,
e ASSIGNANTES d'esta Redacção ca-
bendo a cada exemplar do AZULEJOS
uma porção avultada de numeros, entre
os quaes ha de FATALMENTE estar
contido o da SORTE GRANDE, que será
premiado com um decimo para a loteria
seguinte.

O possuidor do AZULEJOS que con-
tiver entre os seus, o numero da SORTE
GRANDE de 3 DE JULHO deve, depois
de n'elle ter ESCRITO O NOME E
MORADA, entregal-o n'esta redacção
ou envia-o em CARTA REGISTRADA,
afim de não haver extravio, até a vespera
da loteria de 10 de julho, ficando assim
habilitado com o decimo



Conselheiro Manoel Affonso de Espregueira

1389

N.º

a

AVISO — Ainda não foi entregue n'esta redacção o jornal com o numero 3563 a quem
pertence o decimo 3863 para a loteria de 27 de junho. Quando os decimos não forem requi-
sitados no praso d'um mez a contar da data da loteria, ficam sendo propriedade do
AZULEJOS.

Aluga-se



SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 as 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 as 11

ANACLETO DE OLIVEIRA + + + +

♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦

Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO

Ouivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRACA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
38, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas
para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres
em todos os generos



EXPOSIÇÃO
DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO

R. de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)



As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da pele, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquerda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pele, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feição do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pele.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam a travez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas zigueiras? Esfrêga-as muito? Costuma lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

— «Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.»

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
A ESTA REDACÇÃO



O CONCURSO ARTISTICO DO "AZULEJOS"

BASTA COLLECIONAR

20 MASCARAS ILLUSTRES

das publicadas nas tres series do nosso semanario, podendo até serem eguaes, enviando-as até ao dia 20 d'agosto.

Premio para o maior numero de collecções

UM COUPON DE 100\$000

Offerecido pela Administração do AZULEJOS

O valioso premio da collecção mais artistica

Offerecido pela redacção

Um espelho de crystal *bisauté* montado em faiança allemã, com relógio e guarda-joias, sustentado por duas figuras de mulher que n'elle se miram. Estylo arte-nova

Valor real 35\$000 réis

Este precioso brinde encontra-se desde já exposto na montra do Gato Preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.

LISTA DOS PREMIOS

- 1.º—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de marfim, offerta do Ex.^{mo} Sr. Eugenio Costa, proprietario do Gato preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.
- 2.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Céu Beça, nossa illustre collaboradora.
- 3.º—Uma pintura a oleo, pelo Ex.^{mo} Sr. João Bastos, um dos nossos directores artisticos.
- 4.º—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonia Paz Lopes.
- 5.º—Um quadro grande com a photographia do Rei D. Manuel II, trabalho e offerta do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes, nosso illustre collaborador.
- 6.º—Um tinteiro feito em sola, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria d'Oliveira.
- 7.º—Um estojo com uma escova em prata, offerta do Ex.^{mo} Sr. Julio de Mattos.
- 8.º—Uma machina d'escrever.
- 9.º—Um porta jornaes bordado — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelina Lapa Rodrigues Garrana.
- 10.º—Uma faca para cortar papel, com lamina de marfim e cabo em prata dourada, estylo arte nova, offertado pela ourivesaria Januario e Mourão, 86 a 88, R. da Palma, 92 a 92 A.
- 11.º—Um colchão d'arame, montado em pitch-pine á medida da cama que o premiado desejar e perfeitamente equal aos que estão á venda em casa do offertante, Ex.^{mo} Sr. José Godinho, 54, P. dos Restauradores, 56.
- 12.º—Um almofadão desenhado a pyrogravura, offerta e trabalho do Ex.^{mo} Sr. Luiz d'Oliveira.

(Continúa)

COMPRA



S **E**

*Semanario illustrado
de Ciências, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, EMECÊ e LAMPARINA
Artísticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Músicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
29 DE JUNHO DE 1908

CONDICÕES DE ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias..... 400 *
A cobrança pelo correio é augmentada
de 60 réis.

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem 6.000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



actual crise vinicola que assoberba a agricultura nacional, é o producto da imprevidencia e ambição dos nossos agricultores.

Historiemos.

Quando, ahi por 1870, o phylloxera assentou arraiaes nos pujantes vinhedos de Portugal, devastando os por maneira assustadora, estabeleceu-se, de norte a sul do paiz, um panico enorme entre os lavradores, soberanamente provado na pesada diminuição que iam soffrer os já combalidos interesses agricolas.

As vinhas entraram de ter um aspecto medonho, desolador! As crises de vinho e de trabalho, apresentaram-se impávidas, com o seu funebre cortejo de fomes, de miserias, de horrores! A situação era terrivel, insustentavel!

O paiz inteiro, mórmente o norte, por ser a região vinhateira por excellencia, estorcia-se entre as garras aduncas da Ruina e, n'um desesperado clamor, supplicava aos governos medidas energicas e immediatas que debellassem, tanto a causa — o

phylloxera —, como os seus perniciosos effeitos — as crises.

Estudou-se afincadamente. As reuniões, quer de lavradores, quer de scientistas, succediam-se, e os poderes publicos, que a principio não prestaram maior attenção ao terrivel parasita invasor, depois de justissimas e repetidas reclamações, chamaram tambem a si a questão.

Após aturados estudos, tres systemas se recommendaram contra o phylloxera:

Os insecticidas, a submersão e a videira americana.

Dos insecticidas, o mais empregado, foi o sulfureto de carbone.

O segundo meio de combate — a submersão — só podia ser applicado em terrenos que pela sua situação topographica e natureza pouco permeavel, estivessem em condições de o receber.

Como porém, os dois systemas acima apontados, servissem apenas para expugnar o mal e proteger a vinha contra novas invasões e não para a sua rapida reconstituição, foi para o terceiro meio — as videiras americanas — que os vicultores volveram olhos supplices.

Assim, activamente, se deu principio aos viveiros para acclimação das vides americanas, tendo o governo sido impellido a tomar quasi a iniciativa e a estabelecer-os profusamente paiz em fóra.

D'esses viveiros os vicultores se sortiam de barbados ou bacellos, os quaes, depois de enxertados com as castas das regiões, eram definitivamente dispostos, ou ainda de varas se muniam para, com ellas, por seu turno fazerem viveiros nas suas terras, para uso proprio e venda aos vizinhos.

Como as differentes castas importadas da America:

Riparias, Rupestris, Solonis, York, Vialla etc., trouxeram, com a energica resistencia ao phylloxera, a facil adaptação a terrenos de composição diversa, o vicultor abençoou-as e começou de fazer a reconstituição.

Os lavradores, sem distincção de regiões, mal se apêrceberam dos excellentes resultados colhidos com as primeiras plantações, antolharam a vinha como uma fonte de riqueza inexgotavel e, n'uma cubicosa ancia, n'uma imprevidencia infantil, sem olharem o futuro, febrilmente, começaram a dispôr cépas a esmo, immolando até, ao plantio da vinha, terrenos fortemente propicios a outras culturas.

Quantos terrenos de pão foram sacrificados por este paiz além, que tanto de pão carece!

A tal ponto se accentuou esta imitadôra mania, que lavours houve, que recorreram a onerosos emprestimos para o custeio não só das vastissimas plantações, como tambem para a edificação ou alargamento de lagares e adegas, imposto pelo augmento fatal da produção.

Tudo parecia caminhar no melhor dos mundos!

Decorre o tempo. A lavoura, contente, via crescer progressivamente a colheita, e tendo menospresado as demais culturas, orgulhava-se com o avultado numero de pipas de vinho que havia de chegar a produzir, saboreando de antemão—louca visionaria! — o dinheirinho que ellas haviam de lhe render.

Porém, uma terrivel decepção a espera! Uma nova e não menos aterradoradora crise a espreita!

Não tendo a lavoura nacional, por imperdoavel incuria, ou esquecimento de um dos mais rudimentares principios economicos, procurado alargar o consumo, já concorrendo e

fazendo acreditar os nossos vinhos nos mercados estrangeiros, já promovendo, por iniciativa propria ou oficialmente por meio de tratados commerciaes, a sua acceitação em novos mercados, resultou um desequilíbrio de ordem tal, entre a offerta e a procura, que faz com que a lavoura, de ha muito soffredora, ora se debata n'uma *crise de abundancia*, não menos desastrosa do que a *de carencia*, que tantos prejuizos e tantas lagrimas custou ao paiz.

Por esta breve exposição de factos, que são a exposição exacta da verdade, se vê que foram a imprevidencia e a ambição as causas unicas d'esta crise.

O bom senso não imperou, talvez, porque os lavradores deram demasiado credito á velha sentença que é de uso impingir em latim:

O que abunda, não prejudica.

BENTO MANTUA.



Chronica

O Radium

Quando, nos parlamentos scientificos, se pássa á ordem do dia, é sempre o *radium* que entra em discussão.

O estudo do *radium* pode considerar-se scientifico e filosofico porque, não só nos dá a conhecêr fenómenos fisicos e quimicos muito curiosos e absolutamente novos, como tambem põe em foco sôb um aspécto até hoje não entrevisto, a constituição da materia.

Foi o estudo dos raios X que levou M. Henri Becquerel a constatar as propriedades dos saes d'uranio e a descobrir assim a *radio-actividade* da materia; partindo desta béla descoberta, os espózos Curie acharam o *radium* no residuo da péchblenda. Não ha ninguem que desconheça hõje as curiosas propriedades deste nôvo metal: desenvolvimento de calor, coloração de certos corpos, fluorescencia provocada noutros, ozonisação do oxigenio, impressão de placas fotograficas atravez corpos opacos, decomposição da agua, transporte d'electricidade negativa, propriedade de descarregar os corpos electrizados.

A sua propriedade principal é a emissão continua de raios penetrantes, cujo desigual desvio pelo imanos permittiu dividir em três grupos: raios *alfa* analogos aos raios canaes dos fisicos, raios *beta* semelhantes aos raios catódicos, e raios *gamma* analogos aos raios X. Tambem são particularidades interessantes a existencia da radio-acti-

dade inlusida e a *emanação* do radium. Todas estas constatações teem enorme importancia teorica; põem em foco e trazem novamente á discussão o grande problêma da transmutação da materia, que parecia definitivamente resolvido em sentido negativo.

Sir W. Ramsay viu a emanação radica transformar-se em *helio* e fazer apparecêr *litio* numa solução de sulfato de cobre. Para alguns sábios, o radio faz táboa rasa da teoria atomica actual; para elles o atomo pode dividir-se em elementos mais pequenos. Ha quem chame a este estado novo primitivo da materia, o *eléctron*, isto é, uma *carga eléctrica que se desloca sem estar ligada a uma massa material*.

Que ha de verdade em taes hipóteses? Só o futuro nol-o pode ensinar. Enquanto a experiencia nos não permita resolvêr todas estas questões com certêza absoluta, será bom que nos mantenhâmos em prudente reserva. O verdadeiro espirito scientifico distingue-se do espirito filosofico em não sêr apressado nas conclusões e só afirmar *à posteriori*. O radium é conhecido apênas ha dez annos e tão curto lapso de tempo não é bastante para se afirmar que este corpo não sofre destruição parcial e que a sua energia se pode manifestar indefinidamente sem desperdicio de substancia.

A. B.

ESPIRITISMO

Hintze Ribeiro em 20-8-907 escreve a El-Rei D. Carlos por intermedio de Fernando de Lacerda

(Do volume II *Do Pais da Luz*)

Recebemos o 2.º volume de communicações espiritas obtidas pelo medium Ex.º Sr. Fernando de Lacerda, subordinadas ao titulo *Do Pais da Lus*. Já ha tempos nos referimos a esta interessante obra, vasto manancial da pratica do bem, digno de ser lido por toda a gente. Hoje, como então, acodemos aos bicos da penna o seguinte dilema: ou o espiritismo é uma verdade ou Fernando de Lacerda é a cerebração mais completa na litteratura moderna.

Agradecemos o exemplar recebido, do qual pedimos licença para extrair a communicação que apresentamos aos nossos estimaveis leitores:

Ao rei de Portugal

A morte, senhor, se me libertou das canceiras e cuidados da vida terrena, não me desprende, todavia, dos laços de amizade e de respeito que me prendiam a Vossa Magestade.

Não via, nem vejo, em Vossa Magestade um homem de materia igual áquella de que fui despojado, pelo acto

natural e evolutivo que se denomina morte. Vi sempre o representante, o symbolo de um principio social a que dediquei toda a minha vida, sem hyperbole o digo. Dediquei tanto respeito sempre a esse symbolo que não sabia distinguir, finalmente, até onde a organização humana de Vossa Magestade, sujeita a caprichos, a erros e a defeitos, chegava; e onde começava a parte impeccavel, intangivel e superior das suas funcções de rei.

Este foi, talvez, o meu mal e o de Vossa Magestade.

Eu esquecia-me de que Vossa Magestade era um homem como eu, e Vossa Magestade esquecia-se igualmente de que eu era um homem como Vossa Magestade.

Não tenho, porém, nada de que penitenciar-me por isso. Creio até que se por milagre de Deus pudesse retornar a minha situação terrena, tão bruscamente terminada, eu volveria a pensar e a obrar como sempre o fiz.

Se por um extranho phenomeno providencial pudesse ter previsto com antecipação a minha morte, teria procedido, serenamente, convictamente, friamente, a varios actos que constituiriam como que a methodica despedida d'essa vida e a arrumação definitiva de tantos assumptos, pendentes e occurrentes, que se achavam obrigados á minha vontade e á minha acção.

Um d'esses e dos primaciaes, seria a minha despedida a Vossa Magestade.

(Continúa)



A Caridade

A Palermo de Faria

Filha do céu d'extrema formosura,
Anjo de luz que inspiras tanto amor
Eu amo-te por seres boa e pura.
Eu amo-te porque a desventura
Tambem te tem amor.

Tu és a fonte prodiga e bemdita
Desses bens promettidos por Jesus,
E's um céu para aquelle que se agita
Nas ancias d'uma dor louca, infinita
Sem lar, sem pão, sem luz.

E's uma estrella limpida e serena
Para as noutes sem luz do coração
Para a alma que o mundo vil condemna,
Tens a doce fragrancia da açucena
Em tardes de verão.

E's uma aurora plena de gorgeios
Em que fallam de amor os passarinhos
Oh! caridade!
Tua piedade
E' mais doce, mais santa qu'os anceios
Dulçurosos dos louros pobresinhos.

EDGARD AYRES

O enfermeiro de Tátá

POR
Edmundo de Amicis

(Conclusão)

Abraçou-o, fixou-o docemente, e beijando-o de novo na testa, partiu.

O rapaz voltou para a cabeceira da cama e o enfermo pareceu ficar mais consolado. Cecilio continuou a servir-lhe de enfermeiro, não chorando mais, mas empregando a mesma solicitude, a mesma paciência que até ali empregára.

Continuou a dar-lhe de beber, a chegar-lhe os remédios, a endireitar-lhe a roupa da cama, a acariciar-lhe a mão, a fallar-lhe com doçura, procurando animal-o.

Assistiu-lhe o resto da tarde, toda a noite, e estivera sempre ao lado d'elle todo o dia seguinte.

O doente, porem, ia sempre a peor, o rosto tornava-se côr de violeta, a respiração pesada, a agitação augmentava sempre. Da bocca saiam-lhe sons inarticulados e a inflammação tornava-se monstruosa.

À visita da tarde o medico disse que o doente não passaria d'aquella noite.

Cecilio redobrou de cuidados, não se afastando um só instante. O doente conservava sempre os olhos fitos n'elle; movia ainda os labios, de quando em quando, com grande esforço como se quizesse dizer alguma coisa, e uma expressão de extraordinaria doçura transparecia na luz dos seus olhos, que se ia gradualmente apagando.

N'aquella noite, o rapaz vigiou-o sempre, até que viu atravez das janelas os primeiros alvôres da aurora, e apparecer junto d'elle uma irmã da caridade.

Esta, abeirando-se do leito, olhou um momento para o enfermo, e saiu a passos rapidos voltando logo com o medico assistente e com um enfermeiro que trazia uma lanterna.

Está a expirar! disse o medico.

O rapaz pousou a mão sobre a do moribundo, e este, abrindo os olhos, fixou-o e tornou a fechal-os.

N'este momento, pareceu ao rapaz ter sentido um aperto na mão, e exclamou:

— Apertou-me a mão!

O medico debruçou-se sobre o doente, observando-o, e erguendo-se logo. A irmã da caridade, tirou da parede um crucifixo.

— Morreu? perguntou o rapaz.

— Vae filho — respondeu o medico. A tua sagrada missão terminou. Vae e sê feliz, que o mereces. Deus ha de proteger-te... Adeus.

A irmã, que se afastára um momento, voltou com um raminho de violetas, tiradas d'um copo, que estava na janella e entregou o ao rapaz, dizendo:

— Não tenho mais nada que te dar. Guarda-o como lembrança do hospital...

Modas e Confeções



— Obrigado, disse o rapaz, tomando-a com uma mão e enxugando os olhos com a outra; mas é tanto o caminho que tenho a andar a pé... que vão murchar de certo!

E soltando as violetas, espalhou-as pelo leito dizendo:

— Deixo-as como recordação ao meu pobre morto. Obrigado, boa irmã. Agradecido, senhor doutor.

Depois voltando-se para o morto:

— Adeus... disse.

E enquanto procurava o nome que lhe havia de dar, subiu-lhe o coração aos labios o nome que lhe dera durante cinco dias, e concluiu:

— Adeus, pobre Tata!

E dizendo isto, meteu debaixo do braço a trouxa de roupa e a passos vagarosos, extenuado de fadiga, partiu.

Despontava a madrugada.

Idealismo e Realismo

Se anjo fôra, librava-te nas azas
Ao paramo azulado,
E ahí; sobre uma nuvem vaporosa,
Deporte-hia; e a teus pés ajoelhado
A estrophe d'um amor angustiado
Ouvirias de mim, mulher formosa!...

Mas... sou amanuense, tenho apenas,
Setecentos e dez...
Se porem te contentas, só com migas,
Levo-te n'um burrinho para Almada,
E ali, nhónhósinha, prenda amada,
Viveremos d'amor... e de cantigas!

ANGELO PITOU

Pensamentos

O povo crê sempre porque é pessimista.

OLIVEIRA MARTINS.

O stoico vive com o que pensa.

OLIVEIRA MARTINS.

Não! Não posso resignar-me a pensar que o homem desapareça inteiramente como um vibrão.

PASTEUR.

O homem ocioso é como a agua estagnada, corrompe-se.

LATENA.

A Justiça e o Facinora

(Divagando)

— «O que procuras, facinora?!...
— «O roubo...
— «O que ambicionas?!...
— «O crime, o vilipendio e o extermínio.

— «O que abominas?!...
— «A fome, a prisão e... sobretudo a ti, ó Justiça...

— «E quem te acompanha, ó miseravel?!...

— «O destino e o remorso...

— «Qual é a tua creença?!...

— «Não sei... não tenho...

— «Então na tua hedionda alma, não ha nem amor nem caridade, nem reflexo de esperança?!...

— «Ha...

— «Então a quem dedicas o teu amor?!

E elle de voz sinistra, como o echo d'uma catastrophe, tira do seio a lamina ensanguentada e cortante d'um punhal, e diz lhe:

— «Somente a isto...

— «É a tua Caridade?! continua a Justiça.

— «Aos que me acompanham nas minhas tragicas aventuras e nas torsionarias infamias, se no dia d'amanhã já não os encontrar com forças de me seguirem, ou se os encontrar encarcerados n'um sombrio ergastulo a que não possa chegar...

— «É a tua esperança, em quem a depositas, ó monstro indomavel?!...

E elle, então, de phisionomia torva, espectral e horripilante, parecendo sahir lhe das orbitas os olhos fuzilantes, como animaes ferozes de seus horriveis covis, fita a Justiça lugubrememente e, sarcasticamente, responde:

— «É no teu... perdão d'amanhã...

PEDRO MARIA DA FONSECA.

(Otão)

(Dos «Sombrios», livro inedito)

Cumulos

Enfiar numa agulha a linha de nivel.

Metter numa espingarda uma bucha de pão.

Beijar a Aurora.

Comêr as costas.

Da eloquencia — Fazer um discurso na camara optica.

Da boa sorte: — Achar uma sentinella perdida.

Da actividade do Fisco: Despachar uma carga d'agua sem ter abrigo.

CURIOSIDADES

Maneira de conhecer se o café tem chicoria. — Lança-se n'um copo cheio de agua distillada ou acidulada com duas gottas de acido chlorhydrico, o café em pó; se houver chicoria cahe ao fundo e côra a agua de amarello.

O bom café sobrenada e não suja a agua.

BRINDO E CHORANDO...

Cartas á prima

VII

Minha querida prima:

O conselheiro Elesbão Procopio Capricornio era um antigo e respeitavel boticario, morador no Beco do Falla-Só e senhor de uma rasoavel fortuna, mercê das *pillulas Electricas* de sua invenção e segredo.

Estas bolinhas foram apregoadas por toda a imprensa da capital como o *non plus ultra*, o mais phantasmagorico especifico em curas da espinhela caída, lesões de coração, bichinho do ouvido, dores nas cadeiras, não fallando nos seus realissimos efeitos purgativos e eupepticos, bem como da propriedade de pespegarem com a raiz dos callos ao sol, por dá cá aquella palha e em menos d'um phosphoro.

O consumo foi fabuloso, mercê do reclamo dos periodicos, para os quaes não existe repugnancia em elevar aos chifres da lua qualquer bodega, chanfana ou panacea, embora perigue a vida da humanidade lorpa e incauta.

Este invento acarretou ao Capricornio a distincção de *Conselheiro Electrico*.

Um bello dia julgando-se rico pregou com a sua electricidade pilular em casa do diabo e fechou a botica como qualquer pacato e mediano sarraçal.

Comtudo, o Elesbão não era tão rico como imaginava e como o pintavam as criaturinhas do bairro.

Começou a jogar na bolsa e por artes de berliques e berloques os fundos desceram, obrigando-o a pôr a bolsa no *prégo*; ficou reduzido á penuria mais extrema.

Não obstante, era necessario salvaguardar as apparencias, botando figura de rico, embora o mercieiro, o alfayate, a modista e o sapateiro berrassem pelo seu rico dinheirinho.

Ora este *Electrico* teve a infelicidade de ser papá de duas delambidas meninas, que tinham recebido na pia batismal os nomes de Balbina e Lucilia e na pia paternal as alcunhas de Bibi e Lili, graciosidade esta que as comparava a qualquer *coisa* ou *animal*. Emfim, estes disyllabos são economias nominaes e usos paternos dos ricos e de meia tijella onde qualquer parochiano não tem que metter o nariz.

N'uma das ultimas semanas apertou mais o calor e cá por Lisboa é moda, em vez de comprar um leque, marchar tudo de cambuhada ahi para uma terriola proxima. N'esta epocha quem se dá ares vae para as thermas a pretexto de qualquer achaque, e, embora, arranje casa em más condições ou esteja muito mal accommodado

é sempre uma medida de alto valor hygienico.

São preceitos da folhinha do Borda d'Agua de collarinho e camisa engomada.

Pois os rebentos do Elesbão quizeram, já se vê, seguir a risca a dieta do almanach do bom tom.

Para isso, após varias piruetas e saltinhos, dependuraram-se no pescoço do papá e desunharam-se a gritar-lhe:

— O' papá, nós queremos ir para fóra.

— O' raparigas, vocês estão malucas?! retorquiou o Capricornio, cofiando a sua barba á passa piolho.

— Ora essa! Está tudo a tomar ares!... Olhe a Géní, a Lóló, a Tátá e a Fifi do Polycarpo como já lá estão?! Só nós ficámos encerradas aqui!

Mascaras illustres



Alexandre Dumas (Filho)

— Eu não vou cavar dinheiro. Irra! As meninas não sabem que estamos encalacrados? Não veem o mercieiro todos os dias á porta com a conta? Ignoram, talvez, que, quando elle apparece, eu desapareço para só apparecer quando elle desaparece?!...

— Não queremos saber, volveram em coro os rebentos Capricornicos, batendo o microscopico pesinho. — E' preciso ir para o campo!...

— Querem campo?!... Vão para o Campo Pequeno e... deixem-me—gritou elle arrelampado.

— Mas, então, como quer o papá que nós casemos, se não andarmos na *montra* a fazer vista de ricas?!...

— Sabem o que lhes digo?!... As notas falsas tambem se passam na cidade; para dar o nó basta ter sciencia e olho vivo.

— Isto assim não tem geito—repliou o duetto.

— Nem dinheiro—atalhou o pae.

— Empenha-sealguma coisa—disse logo a Bibi.

— Cá por mim não me importa pôr no *prégo* a pulseira que me offereceu o cadete—alvitrou a Lili.

— E eu os brincos com diamantes—respondeu a Bibi. O papá empenha a

corrente e os berloques e já podemos ir oito dias para a Porcalhota.

— Veremos, disse o electrico, meio abalado.

— Para a Porcalhota não, vamos para a Figueira. Está lá o meu futuro noivo, aquelle alferes de lanceiros, filho do barão da Costa Larga. O papá bem vê que elle não casa commigo se me suppresser sem uma de x. Não te parece, Bibi?!

— Pois sim, vamos até para o inferno, embora fiquemos sem camisa, re-gougou o pae convencido mas furioso.

Na semana passada quatro alambados gallegos transportaram a pau o corda, na callosa nuca, os tarecos de conselheiro Electrico, para a estação do Rocio. Pae e filhas iam radiantes.

Sómente o mercieiro do prédio fronteiro, ao vel-os partir, arrepelava os cabellos e como um louco berrava para o marça no:

— Não tornes a fiar cinco reis áquelle conselheiro das duzias, ouviste?... Farto de cães ando eu!

teu primo
LAMPARINA.

FADO

À Ex.^{ma} Sn.^a D. L. R.

Motte

*Ralha commigo o abbade
Por cada vez que te vejo;
Os curas nunca souberam
As curas que faz um beijo.*

MARCELLINO MESQUITA

Glosas

Quando te vejo á janella
Não sei que sinto. meu Deus!
Fascinam-me os olhos teus,
De mais brilho que uma estrella!
O' minha linda donzella
Toda doceza e bondade,
Tu és a minha vaidade,
Tu és a minha ventrua...
Ao sorrir-te com ternura,
Ralha commigo o abbade.

«O senhor não tem juizo,
Andar-me a desinquietar
As *ovelhas* do logar,
Com tão velhaco sorriso;
Não alcança o Paraizo
(Como será seu desejo)
Pois não tem um só lampejo
De precioso pudor...
Elle diz isto, Leonor,
Por cada vez que te vejo.

O' meu amor, pois não é
Um pateta o nosso abbade?
Pois não amou, na verdade,
O Jesus da Nazareth,
Symb'lo d'amor e de fé?
E os santos que mais soffreram,
Os que melhor procederam,
Não amariam tambem?...
O que o amor é porém
Os curas nunca souberam

Teu amor grande e profundo
E' do meu ser a essencia!
Guia-me elle a existencia
Por este pelago immundo
A que nós chamamos mundo!
O' mulher por quem almejo,
Só me tortura um desejo:
Deixa-me beijar-te a mão
Bem sabe o teu coração
As curas que faz um beijo.

MANOEL CHAGAS

A CAVEIRA

Ao meu amigo Carlos Amaral

Era uma dessas enluaradas noites de agosto em que um calor suffocante se expandia por sobre a terra. Olhando pela janella fóra deparava-se-me a velha cidade de cujo centro se erguiam imponentemente as torres da antiga cathedral, como se fossem unicamente as suas sombras projectadas no ceu esbranquiçado pelo luar; a seus pés, recostava-se indolentemente no leito o rio onde os raios pallidos da lua punham inquietos reverberos prateados.

O relógio batia pausadamente duas horas.

Demorei-me algum tempo á janella observando tudo isto, num desses estados de melancholia que tão frequentes vezes me assaltam e de que todo o homem é susceptível.

Aborrecia-me; não estava bem em casa; o quarto parecia-me acanhado e o calor insupportavel; necessitava de ar puro.

Sahi.

Na rua encontrei-me só. O silencio dominava completamente a cidade.

Dirigi-me pausadamente por onde primeiro me pareceu. A quella hora os meus passos soavam monotonicamente como passadas rhythmicas de metronomo.

Passados alguns momentos divisei na extremidade opposta da rua um vulto caminhando vagarosamente e que a cada instante se aproximava mais de mim. Apressei-me um pouco, movido pela curiosidade de conhecer tão singular noctívago. Julgava-me só, á quella hora, errando pelas ruas desertas da cidade; mas d'ahi por diante já assim não acontecia. Um outro ente, talvez no mesmo estado que eu e quiçá instigado por identicos motivos, divagava solitario, pela calada da noite, por entre as casas silenciosas do burgo.

A distancia de cinco metros podíamos fitar-nos perfeitamente. Reconheci nelle, nesse extravagante noctívago como eu, o meu amigo J., um dos medicos mais considerados por todas as cercanias da terra.

Cumprimentámo-nos e continuámos juntos o passeio distrahidamente.

O acaso levou-nos pela estrada que conduz ao cemiterio.

Chegados alli, estacionámos. O portão de ferro estava aberto. Dentro, viam-se, illuminados pelo luar, os mausoléos marmoreos dos ricos; e distinguíam-se, ainda que imperfeitamente,

te, as singelas cruces funereas que marcam as sepulturas dos pobres.

Transpozémos o portico.

Renques de arvores funebres ladeavam a avenida por onde seguíamos. Em um e outro lado descobriam-se ossadas quasi destruidas, a desfazerem-se em pó... Despertou-nos a attenção uma caveira situada n'uma campa a poucos passos.

Aproximámo-nos della. O meu amigo levantou-a do chão e começou a observar detidamente, aquelle cráneo carcomido que affectava um riso glacial e constante.

MULHERES GALANTES



Amparo Taberner

O medico permanecia immovel, com os olhos fitos naquelles ossos mirrados.

Eu, admirado, interroguei:

—Que vês tu nessa caveira para assim te ficares a olha-la durante tanto tempo?

Então elle respondeu:

—Meu amigo; nestas orbitas escuras e profundas estiveram alojados em tempos uns olhos brilhantes e cheios de vida; o cráneo que estou observando encerrou outr'ora um cerebro capaz dos maiores feitos litterarios; a configuração destes ossos denota que elles pertenceram a um homem celebre, de uma intelligencia superior, cujo nome deveria ficar eternamente gravado na historia da litteratura.

Perguntas-me o que vêjo? Vêjo os restos mortaes de um Camões, de um Garrett, que em lugar de estarem honrosamente guardados num tumulo, se encontram desperdiçados e num desprezo ignobil, á mercê do vento, dos temporaes!...

Fiquei attonito.

Alli um Camões! um Garrett!

Fomos ao livro do registo procurar a pessoa a quem haviam pertencido aquelles ossos.

E vimos que esse homem de uma intelligencia superior, esse homem cujo nome deveria ficar eternamente gravado na historia da litteratura, esse homem de quem tinham feito parte aquelles ossos desperdiçados no cemiterio havia sido... um analfabeto!

.....

Porem agora me lembro; isto não passa de um sonho que eu tive numa destas ultimas noites. Mas com effeito, este meu sonho traduz, infelizmente, uma verdade incontestavel.

Coimbra, 17-6 908.

ABEL GOMES BOTELHO.

Guitarra de Romanol

43

Té o proprio sol se cança,
De noite jaz escondido;
Como ha-de brilhar a esp'rança
N'um coração dolorido?!

44

Tu brilhas qual diamante,
Como elle és dura tambem,
Nascestes p'ra ser amante
Mas nunca para ser mãe.

45

Foi esse ramo irisado
Por ti repartido assim:
A rosa ao teu namorado,
O martyrio para mim.

46

Um dia ouvi, que doçura
A' meiga voz de Jesus:
«Quer's teu quinhão de ventura?
«Vem p'ra meu lado na cruz.»

47

Como o ponteiro da hora
Vae andando sem se ver,
Assim nós p'la vida fóra
Caminhamos té morrer.

48

Fugiram as andorinhas
Mas voltam na primavera
Quem dera que as crenças minhas
Como ellas fossem, quem dera!

49

Se Christo seguisse os traços
Da estrada que outr'ora fez,
Ia na cruz dos teus braços
Crucificar-se outra vez.

50

Das ondas do mar revoltas
Conseguí livrar meu ser
P'ra nas tuas traças soltas
Ir como um fraco morrer.

Postaes illustrados

Gato Padrão

Bebé, depois de levar dois açoites que lhe avermelharam as carnes brandas, chorou, chorou desesperadamente; e, por uma d'essas reviravoltas tão naturaes no espirito das creanças, enxugou as lagrymas que lhe queimavam as faces e ficou aprehensivo, fitando o enorme gato branco que dormia enroscado sobre uma bella almofada carmezim que lhe punha reflexos de rosa no pêllo macio e liso. Como o medico junto do doente, aquella creança parecia contar lhe a respiração, estudar n'aquella cabeça de gato todas as contrações musculares até aos menores gestos, a fim de elaborar o diagnostico.

De repente, porem, como se uma mola occulta o arremessasse, o gato accordou n'um salto nervoso e veloz, e tranpoz rapidamente a porta da sala como se alguém o perseguisse.

— Vês, mamã, como não fui eu que furtei as bolachas — disse alegremente a linda creança erguendo se e correndo de braços abertos para o collo da mãe: — Foi o Leão! Não te lembras de me dizeres, que quando as meninas bonitas commetem uma falta, sempre lhe apparece nos sonhos um papão muito feio?

— E' verdade — disse a mãe, beijando a filhinha e envolvendo-a em sorrisos do ceu.

— Pois foi o Leão que furtou as bolachas! E' tão guloso! Elle estava a sonhar... e quando lhe appareceu o papão de grandes barbas teve tanto medo que accordou sobresaltado, e fugiu para a cosinha. Vê!

E a bondosa mãe, arrependida de ter castigado a filha innocente, deu lhe mais beijos, bolachas e uma linda boneca!

Pobre noivo!

Depois dos convivas alegres tomarem os seus logares na meza repleta de christaes que scintilavam faiscas de rubis, turquezas e opalas, devorando n'uma gula sensual e nervosa as côres e os perfumes embriagantes dos manjares caros, dos vinhos, das flores e das carnes brancas dos seios decotados das mulheres, notou-se, n'um espanto geral de terror, de duvida ou de maldade, o logar da noiva vasio, a cadeira deserta como um enigma, como um phantasma, como uma múmia: e todos os olhares se voltaram para o pobre noivo boquiaberto e immovel n'uma interrogação gelada, trocista, dolorosa e muda

que o trespassava como um espectro de morte.

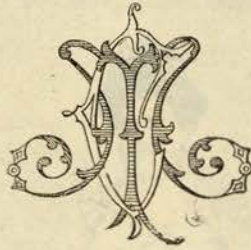
— A noiva? a noiva? para onde foi?

— Uma brincadeira galante — disse uma secia de seios descaidos e inertes.

— Talvez uma graça triste como a da noiva de Francisco Doria — sorriu dizendo o poeta mystico de gravata preta.

Os convidados imitando o gesto brusco do noivo levantaram se e seguiram-no atravez das salas em busca da linda mulher coroada de flores de laranjeira, como no jogo infantil das escondidas; somente no vão d'uma ja-

BORDADOS E RENDAS



nella, entre as persianas da Hollanda que abafavam risos de troça e de triumpho ficou Marcella, a espirituosa feminista, e duas das suas discipulas.

— Veem — dizia-lhes rindo Marcella — a força indestructivel do amor?... O amor só é amor quando é livre. Quizeram anniquillar a consciencia, o futuro d'essa creança... Sim! Mas Cecilia salvou-se! A estas horas estará distante e liberta, nos braços do pobre artista—gravador que a adorava! Quizeram equilibrar ventres. Ella é rica; elle possui um titulo; mas maior titulo é o amor da aristocrata. Cecilia pelo pobre artista que apenas tem por braço a honradez inspirada, vigorosa e forte do seu braço nobre e plebeu! Bello!

— Bello! Bello! — disseram emocionadas as suas companheiras.

N'este instante voltava da busca domiciliaria á noiva o pobre diabo destinado a dar a essa mulher nobremente altiva a força d'uns pergaminhos esfarrapados por quatro gerações de crimes: voltava para a mesma sala, olhos postos no chão como um criminoso — elle que devia dar a grande alegria limpida das grandes bodas patriarchaes; e as faces mysteriosas dos chrystaes que coalhavam a meza, continuavam devorando em grandes prismas de luz as côres radiosas e os perfumes embriagantes dos manjares caros, dos vinhos, das flores e das carnes brancas dos collos decotados das mulheres.

Parou, olhou em volta de si, pediu aos seus antepassados um gesto de vingança como se evocasse a espada de Cid ou o escudo das costas largas de Sancho Pança, e deixou-se cahir n'uma cadeira acabrunhado — não por uma grande dôr, mas pelo desespero que

lhe causava a grande troça do mundo ás ridiculas mentiras convencionaes!

— Coitado!

E o pequeno grupo feminista riu, saboreando aquelle exemplo que era para elle uma victoria; e a espirituosa escriptora indicou então ás suas amigas duas madeixas de cabellos desgrenhados que se erguiam erectos nas fontes do noivo, explicando-lhes a semelhança que havia n'aquella fronte tão extranhamente coroada com as das celebres e ao mesmo tempo dolorosas caricaturas de *cocús* de Caran d'Ache!

ASTRIGILDO CHAVES.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Até que finalmente houve no Campo Pequeno uma corrida de touros sem metter o tal celebre grupo de mcços de forcado, que outra coisa não fazem senão desluzir o espectáculo!

A innovação foi bem recebida pelo publico — pelo menos ninguem protestou —. Pena é que o costume não siga, e que o beneficiado do dia 28 já apresentasse de novo os homens de barrete, tendo por cabo, como attractivo o interalleiro Antonio Preto, de Algés.

Emfim, elles lá sabem o que fazem. Parece que a opinião do publico e da imprensa já não tem valor algum e por isso vão fazendo o que lhes dá na gana.

Atá a empreza do Campo Pequeno já escolheu aquelle lindissimo edificio para a ascensão da Sr.^{ta} Corominas no seu magnifico balão! Não é porque a rapariga não seja arrojada e valente, mas o que é verdade é que, alem de não ser um dos espectaculos mais proprios para gosar n'uma praça de touros, pois que uma vez começada a ascensão ninguem mais consegue ver acrostato, a empreza proprietaria tem um regulamento que lhe prohibe dar no seu circo espectaculos taurinos com intervallos ou outros numeros que não estejam proprios. E a pipa da Cartuxa, os balões do Capitão Martinez, eram bons para o Campo de Sant'Anna.

Mas a ascensão fez-se, e ainda que em más condições, pois estava dentro da praça uma ventaneira infernal, a valente rapariga conseguiu elevar-se a uma altura superior a 3:000 metros, indo cahir proximo de Palmella.

A corrida esteve por vezes animada e, quanto á materia prima, o gado, pode dizer-se que foi a melhor da epoca.

José Bento e José Casimiro, os cavalleiros da tarde, ouviram bastantes palmas, por vezes justas, mas outras... temos conversado! Remates á garupa, cabeça passada, etc.

Os peões estavam com vontade, principalmente Manoel dos Santos que, realisando a sua festa no domingo se-

guinte, queria fazer cartas e por isso *barullou* extraordinariamente. Recortes do estylo Reverte, *quebro de rodillas*, passes *al limon* com *Mazzantinito*, quarteiros muito bons, tudo isso fez Manoel dos Santos.

Theodoro e Cadete bandarilharam muito bem o 2.º da corrida.

Maera abusando por vezes da sympathia do publico, teve por outras trabalhos de valor.

João de Oliveira, um rapaz que promete, fez se applaudir, assim na brega como em bandarilhas.

Os espadas eram *Mazzantinito* já nosso conhecido, e *Gordito*, que se estreava em Lisboa, onde fora precedido de *bombo e platillos*, que parece resultaram *infundios*.

O primeiro conseguiu ser applaudido como bom badarilheiro.

A Direcção, de Carlos Martins, boa... por não haver forçados.

ÉMECÊ.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Mario G. B.

Será toda a sua vida um homem energico, amigo da lucta que a existencia lhe ha de oferecer e pronto sempre a entrar em combate. Na pugna, nunca lançará mão de vergonhosos ardis para tentar vencer o inimigo, porque, acessivel em extremo á afeição e á generosidade, só lealmente compreende o combate.

Necessita, no entanto, moderar o seu entusiasmo porque, mesmo lealmente, pode levar o excesso até á brutalidade, o que é deploravel.

Cuidado com os amores: acho o tambem inclinado ás guerras de Cupido. Este menino é muito traiçoeiro e, quando o sr. mênos o pensar, encontra-se preso na rêle e de tal forma, que difficil será rompê-la. Lembre-se sempre que, na conquista de corações, quem ganhar perde, quem vence pôde considerar-se vencido.

Se trabalhar activa e honestamente, como espero, conquistará honrosa celebridade.

O mês d'Abril ser-lhe ha propício. Se pautar sempre os seus actos pelas regras da mais corrêta hombridade de caracter, agoiro-lhe um bello futuro.

Não caminhe com as mãos fechadas nem metidas nas algibeiras, taes costumes tornam no vicioso e dão lhe um aspecto ordinario.

Necessita tambem corrigir-se da pouca prudencia que os verdes annos imprimem a todos os actos da sua vida e do prazer que se lhe acende n'alma cada vez que atrai dinheiro pela janella fóra.

Consulente: — Berta S. F. A.

V. Ex.ª sabe-a toda. Tem geitinho,

como ninguem, para fazer chegar a agua ao seu moinho, mas é incapaz de usar de menos lealdade para colocar a seu lado o que lhe convem. Espêrta, manhosa, mas séria e honesta. Toda a gente gosta da consulente e a consulente adora toda a gente. Tem uma pecha que, numa senhora, não chega a ser bem um defeito: gosta que a adulem, que a lisongeiem.

E' um pouco avarenta. V. Ex.ª fará bem em transformar esse defeito numa boa qualidade—a economia.

Será causadora d'alguns accidentes de tal ou qual gravidade, em si ou no proximo, por imprevidencia, temeridade ou ignorancia do perigo.

Se alguma vez se ferir nos pés, trate-se com todo o cuidado afim de prevenir amputação dolorosa.

Consulente: — Mariana A. T. da S.

O seu horoscopo deu-me agua pela barba. Os raios dos astros não queriam falar, fecharam-se em copas, foi necessario metêr-lhes mêdo com a policia para obrigar-os a falarem de V. Ex.ª.

Muito instados, mas de ventas torcidas e beijos de palmo e meio, descosêram-se com esta:

«Para que estás tu a massar-nos com a Marianna? Não nos agrada; os astros querem-se com astros e, com franqueza, ella para astro tem a orbita pequena. E' feia e presumida, irrequieta, nervosa e mechidinha como uma peneira mecanica tocada por um motor de trinta cavalos. Em vez de cosêr, remendar, lavar, engomar e encanudar a roupa branca, passa a vida nos *salsifrés* onde devóra todos os bôlos que encontra, desde a mecrencorica trouxa d'ovos, maleavel como a consciencia dum politico, até á rosquilha d'Oeiras, dura como um anel de Saturno. Para ella não ha dôces velhos, assim como para certos homens não ha mulheres idosas... o que aparece morre. Mas o peor ainda não é isto; o que nos repuxa os nervos; nos dessôra a paciencia, nos dispeptisa as visceras astraes e nos faz entornar as bexigunhas do fel sobre a bicharada do Zodiaco... é o piano... o constante, o eterno, o necessario, o imprescindivel, o imutavel piano, esse novo instrumento de suplicio que, tẽmos a certeza, porque o futuro não tem segredos para nós, cha de vir a substituir a guilhotina, o co garrote, a força e a execução eléctrica; essa hedionda caixa sonora á qual Satanaz, no inferno, deu o nome de *martirio de pau, camurça e corda* e que a Mariana (tudo lhe perdoariamos, menos isto) fez, faz e fará soar a todas as horas, a todos os minutos, a todos os segundos, a todos os terceiros e em todos os quartos, «salas, saões, cosinhas, casas de jantar e compartimentos mais ou menos reservados, batendo-lhe com as mãos, «pés, nariz, cotovêlos, joanêtes e mais «partes anatomicas de seu corpo gentil, no louvavel intuito de aumentar

«a clinica aos Esculapios terrestres, «pois que, (gazetas medicas o atestam) «graves epidemias e até epizootias se «teem desenvolvido em bairros onde «a Mariana se tem dado á fadiga de «moer dez alqueires de Chopin duma «assentada.

«Alôra estes pequenos nadas, isto «é, quando não *salsifra* na baixa ou «não peneira dinamite melodica, a Mariana é um anjo; excelente e boa rapariga, alegre, viva, caridosa, cheia de abnegação e de carinho para todos que d'ella se aproximam, subindo ao Golgota da sua penosa existencia com evangelica paciencia e beijando, «às vezes até, a pesada cruz que tanto a faz sofrêr.

«Olha, sabes que mais, dize á Mariana que, piano e *changez de dam* «á parte, temos muito dô d'ella e que «vamos fazer uma promessa de de «pianos sem téclas para que Deus lhe «minore as agruras da vida.

G. C.

Veja-se nas copas a senha de consulta e demais requisitos.

Epigramma

A Braz pergunta Eleuterio:
—O que é a homeopathia?
E Braz responde mui sério:
—Eu creio que é outra via
De marchar p'ra o cemiterio.

VARIÉDADES

Açorda panada. — Tomem-se 500 gr. de codeas de pão, cortadas em pedaços, tres litros de agua fria, 60 gr. de assucar e uma porção de sal refinado para temperar. Ponha-se ao lume a mistura, deixe-se ferver durante meia hora.

Misturem-se á parte quatro gemas de ovos com um pedaço de manteiga e um pouco de leite e ligue-se esta mistura, fóra do lume com o pão cosido, mechendo bem na occasião para que os ovos não talhem.

Semana Alegre

Participam a um chimico o suicidio d'um amigo, que se tinha afogado como unica soluçãõ a uma desesperada lucta com a miseria.

— Isso não é uma soluçãõ — exclama o nosso chimico.

— Porquê?

— Porque o homem não é solúvel na agua.

POSTA RESTANTE

M. P. Ferreira e Boavida — Os seus versos *Não te esqueças*, e *O Coração A noite está errados na accentuação.*



O GRANDE CONCURSO

DA 3.^a SERIE

Cinco premios

- 1.^o — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.^o — Uma palmatoria de prata.
- 3.^o — Uma biscoiteira.
- 4.^o — Uma colleção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.^o — Uma assignatura gratis para a 4.^a serie.

Condições do Concurso

1.^a — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.^a Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
 2.^a Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.^a condição do concurso, augmentando-lhe o praso, assim:
 Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
 A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
 As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.
 A lista do n.^o 36, com 10 decifrações, que veio sem assignatura pertence a *Uni cabo do II*; tem, por tanto o n.^o 35, 7, n.^o 36, 10—(17).

Logogrifho

Animal 1, 2, 3, 4 Animal 5, 6, 7, 8
 Animal JÓ FÉRA

Charadas

Novissimas

O sacco aqui é cidade-2-1.
 PUMPUM

A mulher grega suspende a fortuna-3-1.

ZIUL

Biformes

Para este homem tem utilidade a herva medicinal-2.

BAILIO

E' humilde esta mulher-2.

TIRA MITRAS & C.^a

Já viu alguém o sobrenome de Apollo escripto na lua?-3.

LUNA

Metamorphoses

Este tecido tem argamassa-2 (s, t).

PANAÇAS

O marisco é debil-2 (c, f).

OJUARA

Paronyma

Este homem fez uma defeza-2.
 DIVINO

Augmentativa

Não digas uma mentira-2.
 JORGE MARTINHO CLARO

Truncada

Aves-2.
 LITRAS

Electrica

Infundo medo quando desço d'este valle-3.
 R. PASSOS

Triplice

Peixe, mollusco e insecto-4.
 CABEÇA D'AGUIA

Enygmas

Typographico

SSAR
PA

CHAMPION

Por iniciaes

A E S S D O C
2 1 2 1 2 1 3

JUFRANA

A F E T A S D D
2 2 1 2 1 1 2 3

J. P.

Q Q M D Q L C P O Q Q E O Q T
1 1 1 1 1 1 2 2 1 1 1 1 1 1

J. P.

C M A P
4 2 3 2

J. P.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor,
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem
as noras e os moinhos de vento, **L. M. Lilly** Succesor,
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, —D. Lisboa.

A. P. FERRAZ
Chapeus para senhora e creanças
RUA DO OURO, 231
(Primeiro quartelão vindo do Kocio)

Grande Deposito
— DE —
MOVEIS DE FERRO
— E —
Colchoaria
— DE —
JOSÉ A. DE C. GODINHO
—~~~~—
54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª e 2.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

500 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

700 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.

PASSIONÉE

VALSA.

Celestina G. Costa

PIANO

Introdução

cadenza

Valsa

p

f

sentimental

p *rull.*

cresc.

rull. pp

Energico

ff

dim.

f

D.C.